

Contos e novelas

Júlia Lopes de Almeida

edição brasileira© Hedra 2021
organização© Rodrigo Jorge Ribeiro Neves

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Renier Silva
capa Lucas Kröeff

ISBN 978-65-89705-26-0

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br
Foi feito o depósito legal.

Contos e novelas

Júlia Lopes de Almeida

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves (*organização*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

Contos e novelas é uma seleção de narrativas curtas de Júlia Lopes de Almeida, extraídas de duas de suas obras: *Ânsia eterna* (1903) e *A isca* (1922). Da primeira, fortemente influenciada pelo escritor francês Guy de Maupassant, foram selecionados dez contos, marcados pelo insólito e pelo fantástico. Da segunda, que reunia originalmente quatro novelas, foram selecionadas duas que apresentam algumas das características da narrativa de Júlia Lopes e dos temas que permeiam sua obra. Com tintas do naturalismo e do realismo francês, sua prosa tem traços da objetividade, do antropocentrismo e do cientificismo que fizeram escola no século XIX. Não ficam de fora, no entanto, as críticas à sociedade brasileira: o lugar da mulher na sociedade patriarcal, os conflitos familiares, as marcas da escravidão e os contrastes sociais, políticos e econômicos resultantes da modernização são temas recorrentes.

Júlia Lopes de Almeida (Rio de Janeiro, 1862–*id.*, 1934) é uma das escritoras brasileiras mais importantes da virada do século XIX para o XX. Romancista, contista, cronista e dramaturga, publicou seus primeiros textos aos dezenove anos em jornais cariocas. Em 1886 mudou-se para Lisboa, cidade de seus pais, onde efetivamente iniciou sua carreira de escritora. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi publicado em Portugal em 1888. Um dos principais nomes da *belle époque* carioca, Júlia Lopes publicou dez romances — dentre os quais o famoso *A falência*, de 1901 —, cinco livros de contos e sete peças teatrais, muitas das quais escritas durante sua estadia na França. Apesar de sua importância, foi pouco lida se comparada aos escritores, em face da invisibilidade sofrida pelas escritoras. Esteve também entre os idealizadores da Academia Brasileira de Letras, mas foi preterida a assumir uma das cadeiras entre os fundadores por ser mulher.

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves é doutor em Estudos de Literatura e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi pesquisador visitante na Princeton University (EUA) e bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Atuou como docente de literatura brasileira na UFF e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e na Universidad de Alcalá, Espanha.

Coleção Metabiblioteca foi pensada para edições anotadas, obras completas ou escolhidas de cânones da literatura em língua portuguesa. Desde estabelecimento de textos até novas hipóteses de leitura, a coleção propõe publicações que vão além do que geralmente é conhecido como vernáculo.

Sumário

Apresentação	7
CONTOS.	13
O caso de Rute	15
A rosa branca	25
Os porcos	31
A caolha	37
Incógnita	45
A morte da velha	49
Perfil de preta	55
A nevrose da cor	63
As três irmãs	71
O futuro presidente	77
NOVELAS.	83
O laço azul	85
O dedo do velho	131

Apresentação

RODRIGO JORGE RIBEIRO NEVES

Em um casarão na rua do Lavradio, no centro do Rio de Janeiro, nasceu Júlia Lopes de Almeida em 24 de setembro de 1862. Com uma produção literária expressiva em gêneros diversos, Júlia foi romancista, contista, cronista e dramaturga. Em 1881, aos dezenove anos, publicou seus primeiros textos em *A Gazeta de Campinas*, jornal da cidade para onde se mudara com a família ainda na infância. Aos 22 anos, em 1884, começou a escrever para um dos principais periódicos brasileiros, *O País*, colaboração que se estendeu por mais de trinta anos. A atividade literária e jornalística em importantes veículos da imprensa da época exerceu influência decisiva na sua atuação intelectual e artística.

Filha de um casal de portugueses, Valentim José da Silveira Lopes e Adelina Pereira Lopes, Júlia mudou-se, em 1886, para Lisboa, onde deu início a sua carreira de escritora. No ano seguinte, com a irmã Adelina Lopes Vieira, publicou *Contos infantis*. Em 1887, casou-se com o também escritor Filinto de Almeida, então diretor do periódico carioca *A Semana Illustrada*, que contou com a frequente colaboração de Júlia Lopes.

Por meio de folhetins em *O País*, lançou, em 1888, seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, quando retornou ao Brasil. Desde então, foi uma escritora prolífica e engajada, abordando temas como a República, a escravidão, e o papel da mulher nas esferas pública e privada da sociedade, com o Rio de Janeiro como um de seus principais cenários. Dentre seus livros, destaca-se o romance *A falência*, de 1901, retrato contundente de um país que mudava de regime e se modernizava, mas permanecia preso a estruturas arcaicas de exploração e desigualdades.

Foi uma das escritoras mais importantes da virada do século XIX para o XX, sendo um dos principais nomes da *Belle Époque* carioca. Esteve entre os idealizadores da Academia Brasileira de Letras, mas foi preterida a assumir uma das cadeiras entre os fundadores por ser mulher, já que a maioria dos membros decidiu acompanhar a tradição da Academia Francesa de Letras, modelo seguido pela agremiação no Brasil, que contava apenas com homens no quadro. Seu marido, Filinto de Almeida, ao contrário, ocupou a cadeira de número 3, embora reconhecesse, em entrevista a João do Rio, que quem deveria estar na Academia era Júlia, e não ele.

A respeito do não ingresso de Lopes de Almeida na ABL, a pesquisadora Michele Fanini,¹ comenta:

Júlia Lopes de Almeida participou, juntamente com seu cônjuge, Filinto de Almeida, de muitas das reuniões que culminariam na criação da ABL. Lúcio de Mendonça, um dos idealizadores da agremiação, chegou a elaborar uma lista extraoficial com os nomes daqueles que, segundo ele, deveriam figurar como seus membros fundadores. Publicada no *Estado de São Paulo*, em 1896, a lista trazia o nome de uma única escritora: o de Júlia Lopes de Almeida. Até onde nos é dado saber, a tímida ressonância da indicação entre os demais postulantes (à exceção de Filinto de Almeida, Lúcio de Mendonça, José Veríssimo e Valentim Magalhães), amparada na alegação pretensamente impessoal de que a agremiação estaria sendo concebida à imagem e semelhança de sua congênera francesa, a *Académie Française de Lettres*, em cujo Regimento Interno a expressão *homme de lettres* adquiria sentido literal, culminou em um desfecho sugestivo, que viria a assumir os contornos de uma gentileza compensatória: o ingresso de Filinto de Almeida, que passou a ser considerado por alguns como o “acadêmico consorte”. Filinto de Almeida chegou a fazer a seguinte afirmação em entrevista concedida ao dândi João do Rio: “Não era eu quem devia estar lá [na ABL], era ela”. Júlia Lopes de Almeida protagonizou o primeiro e mais emblemático vazio institucional da ABL produzido pela barreira do gênero. Gostaria, no entanto, de mencionar o papel fundamental desempenhado por Cláudio Lopes de Almeida, neto da escritora, que foi

1. Michele Fanini é autora da tese de doutorado “Fardos e fardões: Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1987–2003)”.

quem cuidou de seu arquivo pessoal até fins de 2010, quando então passou a ser custodiado pela ABL. Como Júlia Lopes de Almeida fez coincidir sua trajetória literária e social com a produção de seu arquivo, a preservação de sua memória muito se deve à cuidadosa atuação do neto e, atualmente, ao Arquivo da ABL.

A escritora chegou a morar novamente em Portugal, onde publicou suas primeiras peças teatrais, e depois na França, onde sua obra foi traduzida e divulgada. Participou ativamente de diversas associações femininas e discutiu temas relacionados ao Brasil e à mulher em conferências no país e no exterior, bem como em alguns de seus livros. Faleceu no Rio de Janeiro em 30 de maio de 1934, por complicações renais e linfáticas decorrentes da febre amarela.

O APAGAMENTO DO CÂNONE

Mesmo sendo uma das autoras mais importantes de seu tempo e admirada pelos seus pares, o nome de Júlia Lopes de Almeida não resistiu aos mecanismos de apagamento do cânone. No entanto, sua obra vem sendo relida e estudada nos últimos anos por pesquisadores de diversas áreas das humanidades, com reedições de seus principais livros. Além disso, a atualidade das questões discutidas em sua obra e a moderna sofisticação de sua escrita são também fatores determinantes para que sua leitura seja cada vez mais necessária.

Esta coletânea reúne algumas narrativas curtas de Júlia Lopes de Almeida, dividida em duas seções: Contos e Novelas. Os livros dos quais foram extraídos os textos são, respectivamente, *Ânsia eterna*, de 1903, e *A isca*, de 1922. Embora não sejam os únicos volumes de narrativas curtas da escritora, foram selecionados por apresentarem algumas das características da narrativa de Júlia Lopes e dos temas que permeiam sua obra. Por isso, este livro não se propõe a ser uma síntese ou um panorama da

multifacetada e expressiva produção literária da autora, mas um convite à discussão sobre questões presentes em suas temáticas, bem como um estímulo a conhecer suas demais obras.

Ânsia eterna foi publicado pela primeira vez, no Rio de Janeiro, pela H. Garnier. Em 1938, foi lançada uma reedição póstuma pela editora A Noite, com correções feitas pela autora. Uma das principais influências desse livro, e de outros que marcam o estilo de Júlia Lopes de Almeida, são os contos do escritor francês Guy de Maupassant (1850–1893). Embora os textos de *Ânsia eterna* fujam um pouco do universo da obra de Júlia Lopes, ao abordar o insólito e o fantástico, a começar pelo título do volume, eles não deixam de discutir as questões caras à escritora, como o papel da mulher e o retrato da sociedade escravocrata. Para esta coletânea, foram selecionados dez contos: “O caso de Rute”, “A rosa branca”, “Os porcos”, “A caolha”, “Incógnita”, “A morte da velha”, “Perfil de preta (Gilda)”, “A nevrose da cor”, “As três irmãs” e “O futuro presidente”. Muitos deles são dedicados a escritores e intelectuais de sua geração, como Arthur Azevedo e Machado de Assis.

Já a edição de *A isca* foi um trabalho da Livraria Leite Ribeiro, também no Rio de Janeiro. O livro é constituído de quatro novelas, das quais selecionamos duas para esta coletânea, “O laço azul” e “O dedo do velho”. Com o subtítulo “novela romântica”, a primeira traz à tona o lugar da mulher na constituição familiar, sua posição em tempos de guerra e as dinâmicas das relações entre seus membros. E isto através da questão do duplo, representada por duas irmãs gêmeas, um dos temas recorrentes da prosa de ficção moderna. A segunda novela foi publicada pela primeira vez em *A Ilustração Brasileira*, em 1909, com o subtítulo “romance”. Assim como em alguns contos de *Ânsia eterna*, “O dedo do velho” também se reveste do insólito no desenvolvimento de sua história, além de apresentar alguns índices da modernidade, nas referências ao automóvel e à urbanização.

Além das obras acima citadas, Júlia Lopes de Almeida deixou os romances *A família Medeiros*, *A viúva Simões*, *Cruel amor*, *A intrusa*, *A Silveirinha*, *A casa verde* (com o marido Filinto de

Almeida), *Pássaro tonto* e *O funil do diabo*; além dos livros de contos *Traços e iluminuras*, *Era uma vez...* e *A caolha*, e as peças teatrais *A herança*, *O caminho do céu*, *A última entrevista*, *A senhora marquesa*, *O dinheiro dos outros*, *Vai raiar o sol* e *Laura*.

REALISMO E NATURALISMO FRANCÊS

Marcada pelos contos de Guy de Maupassant (1850–1893), assim como pelos romances de Émile Zola (1840–1902), Júlia Lopes imprime em suas obras uma forte influência do naturalismo e do realismo francês. Algumas das características presentes na sua produção literária são a objetividade, em contraposição ao sentimentalismo, o antropocentrismo, as duras críticas à sociedade brasileira e o cientificismo na análise de seus personagens, influenciados pelo meio, raça e contexto histórico, de acordo com o determinismo, e cujo comportamento é associado a causas biológicas, segundo o biologismo. A zoomorfização também é um elemento recorrente nas obras de Júlia Lopes, atribuindo características animais a seres humanos. No entanto, a escritora não deixou de escrever aquilo considerado mais adequado para uma mulher da época, como *O livro das noivas e maternidade*.

É importante ressaltar o contexto histórico no qual Júlia Lopes de Almeida está inserida, a começar pelo ano de seu nascimento. Em 1862 o Brasil rompe relações com o Reino Unido na Questão Christie, como consequência de tensões entre as coroas, principalmente por conta da persistência da escravidão no Brasil. Após a Proclamação da República em 1889, importantes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais marcaram o país na virada do século. A Primeira República, também conhecida como República Velha, vivenciou graves crises devido às disputas geradas pelas forças políticas ainda fragmentadas e à desvalorização da moeda acompanhada do súbito crescimento da inflação. Júlia Lopes viveu um período de consolidação das

instituições republicanas, de uma economia agroexportadora, de revoltas populares, civis e militares, contra o sistema político e social, e de entrada no século xx, a chamada Era dos Extremos.

Para esta edição, foi atualizada a grafia segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Palavras como “oiro”, “coiro”, “doiradas”, “loiça”, “óptica” e “cousa”, embora contempladas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, foram substituídas pelas suas formas contemporâneas do Português Brasileiro, como “ouro”, “couro”, “douradas”, “louça”, “ótica” e “coisa”. A pontuação da autora também foi conservada, salvo em casos que podem levar a ambiguidades ou estejam em desacordo com regras sintáticas, como a exclusão de vírgulas separando sujeito e predicado. Decidimos manter ainda colocações pronominais, como próclises, mesóclises e ênclises, empregadas pela autora. Expressões em língua estrangeira foram grifadas em itálico.

CONTOS

O caso de Rute

A Valentim Magalhães

Pode abraçar sua noiva! disse com bambaleaduras na papeira flácida a palavrosa baronesa Montenegro ao Eduardo Jordão, apontando a neta, que se destacava na penumbra da sala como um lírio irrompido dentre os florões da alcatifa.

Ele não se atreveu e a moça conservou-se impassível. 5

— Não se admire daquela frieza. Olhe: eu sei que Rute o ama, não porque ela o dissesse — esta menina é de um melindre de envergonhar a própria sensitiva — mas porque toda ela se altera quando ouve seu nome. Outro dia, porque uma prima mais velha, senhora de muito respeito, ousasse pôr em dúvida o seu bom caráter, a minha Rute fez-se de mil cores e tais coisas lhe disse que nem sei como a outra a aturou! 10

Agora, que o senhor vem pedi-la, é que eu lhe declaro que estava morta por que chegasse este momento. Apreciei-o sempre como um coração e um espírito de bom quilate. 15

— Oh! minha senhora...

— Não lhe faça favor. Além disso, Rute está com vinte e três anos; parece-me ser já tempo de se casar. Há de ser uma excelente esposa: é bondosa, regularmente instruída, nada temos poupado com a sua educação. A mãe teve só esta filha e foi rigorosíssima na escolha das mestras e das amigas; o padrasto tratava-a também com muita severidade, embora fosse carinhoso. Desde que ele morreu que nos falta alegria em casa... A mulher, coitada, como sabe, ficou parálitica. Foi um rude golpe... O que tenho a dizer-lhe, portanto, é isto: afirmo-lhe que Rute o 25

adora e que não há alma mais cândida que a sua. Aí a deixo por alguns minutos; se é o respeito por mim que lhe tolhe as palavras, concedo-lhe plena liberdade.

Eduardo fixou na noiva um olhar apaixonado. Na sua branca de pétala de camélia não tocada, Rute continuava em pé, no mesmo canto sombrio da sala. Os seus grandes olhos negros chispavam febre e ela amarrotava com as mãos, lentamente, em movimentos apertados, o laço branco do vestido.

A baronesa acrescentou ainda, carregando nas qualidades da neta e fazendo ranger a cadeira de onde se erguia:

— Rute nunca foi de lastimeiras, e, apesar de mimosa e de aparentemente frágil, tem boa saúde. Um bom corpo ao serviço de uma excelente alma. Dirão: “Estas palavras ficam mal na tua boca!...” Pouco importa; são a verdade. Tenho outras netas, filhas de outras filhas; tenho criado muitas meninas, minhas e alheias, mas em nenhuma encontrei nunca tanta altivez digna nem tanta pudicícia. Aí lha deixo; confesse-a!

A velha saiu.

Todos os rumores da rua rolaram confusamente pela sala. A porta que se abriu e fechou trouxe, numa raja de luz, os repiques dos sinos, o rodar dos veículos, o sussurro abominável da cidade atarefada; mas também tudo se extinguiu depressa. A porta fechou-se, as janelas voltadas para o jardim mal deixavam entrar a claridade, coada por espessas cortinas corridas, e os noivos ficaram sós, silenciosos, contemplando-se de face.



O bisavô de Rute, primeiro barão da família, fora um colecionador afincado de móveis e de outros objetos dos tempos coloniais. Súdito de d. João VI, de que a sua admirável memória acusava ainda todos os traços já aos noventa e oito anos, era sempre o seu assunto predileto a narração dos sucessos históricos presenciados por ele. À proporção que se ia afastando de seus dias de moço, mais aferrado se fazia aos gostos e às modas do seu tempo.

Só se servia em baixela assinada com os emblemas da casa bragantina e a propósito de qualquer coisa dizia, fincando o queixo agudo entre o indicador em curva e o polegar: — “Lembro-me de uma vez em que a d. Carlota Joaquina”... Ou então: — “Em que d. João VI, ou d. Pedro I”, etc. E em seguida lá vinha a descrição de um *Te Deum*, ou de uma procissão, a que a sua imaginação facultosa emprestava as mais brilhantes pompas. A família tinha um sorriso condescendente para aquele apego, já sem curiosidade, à força de ouvir repetir os mesmos fatos. Os amigos evitavam tocar, de leve que fosse, em assuntos políticos, receosos da longura do capítulo que o barão a propósito lhes despejasse em cima; mas só ele, o bom, o fiel, nada percebia, e, com os olhos no passado, toca a citar ditos e atitudes dos imperadores e a curvar-se numa idolatria pelo espírito boníssimo da última imperatriz.

Cadeiras pesadas, de moldes coloniais, largas de assento, pregueadas no couro lavrado de coroas e brasões fidalgos, uniam as costas às paredes, de onde um ou outro quadro sacro pendia desguarnecido e tristonho.

Assim o quisera o pai, que até mesmo na hora suprema rejeitara um belo crucifixo que lhe oferecia o padre, voltando os olhos suplicemente para um outro crucifixo mais tosco, erguido sobre a cômoda, e que pertencera a d. Pedro I.

Para ele, naquela cruz não estava só o Cristo; estava, de envolta com o respeito pelos monarcas extintos, a lembrança dos seus folguedos de moço. Talvez mesmo, num volteio súbito da memória, se lembrasse das festas religiosas em que namorara, à sombra dos conventos, a sua primeira mulher, e beliscara com freimas amorosas os braços gordos da Janoca, a mulatinha mais faceira de então... Quem sabe? talvez que na hora da morte não se possa só a gente lembrar das coisas sérias. Qualquer hora vivida pode ser recordada rapidamente, sem tempo de escolha.

Como a Janoca não pertencera à história, a família ignorou-a;

e pelo ar gélido daquela galeria de espectros palacianos não apareceu nenhum requiebro quente de mulatinha risonha que lhes desmanchasse a compostura.

Como seu pai, o segundo barão morreu quase centenário, deixando ainda frescalhona a sua terceira mulher, que, por mau gosto ou mau conselho, reformou o seu interior confundindo estilos, pondo no mesmo canto móveis de gosto e utilidades opostas. A extravagância não conseguira destruir completamente a severidade da sala.

As virgens dos quadros, de longo pescoço arqueado e rosto pequenino, gozavam ali o doce sossego de uma meia tinta religiosa.

Mas lá dentro, os dias passavam entre o tropel da criançada, os sons do piano e a confusão dos criados.

E era por isso que todos fugiam lá para dentro e que só Rute, nas suas horas de inexplicável tristeza, se encerrava ali, em companhia da Madona da Cadeira e da Virgem de S. Sixto.

Era nessa mesma sala que ela ainda estava, muda e pálida, em frente do seu amado.

— Rute... balbuciou Eduardo.

Mas a moça interrompeu-o com um gesto e disse-lhe logo, com voz segura e firme:

— Minha avó mentiu-lhe.

O noivo recuou, num movimento de surpresa; foi ela quem se aproximou dele, com esforço arrogante e doloroso, deslumbrando-o com o fulgor dos seus olhos belíssimos, bafejando-lhe as faces com seu hálito ardente.

— Eu não sou pura! Amo-o muito para o enganar. Eu não sou pura!

Eduardo, lívido, com latejos nas fontes e palpitações desordenadas no coração, amparou-se a uma antiga poltrona, e olhou espantado para a noiva, como se olhasse para uma louca. Ela, firme na sua resolução, muito chegada a ele, e a meia voz, para que a não ouvissem lá dentro, ia dizendo tudo:

— Foi há oito anos, aqui, nesta mesma sala... Meu padraсто era um homem bonito, forte; eu uma criança inocente... Domi-

nava-me; a sua vontade era logo a minha. Ninguém sabe! oh! não fale! não fale, pelo amor de Deus! Escute, escute só; é segredo para toda a gente... No fim de quatro meses de uma vida de luxúria infernal, ele morreu, e foi ainda aqui, nesta sala, entre as duas janelas, que eu o vi morto, estendido na essa.² Que libertação que foi aquela morte para a minha alma de menina ultrajada! Ele estava no mesmo lugar em que me dera os seus primeiros beijos... ali! ali! oh, o danado! como lhe quero mal agora! Não fale, Eduardo! Minha avó morreria, sofre do coração; e minha mãe ficou paralítica com o desgosto da viuvez... Desgosto por aquele cão! e ela ainda me manda rezar por sua alma, a mim, que a quero no inferno! Às vezes tenho ímpeto de lhe dizer: “Limpa essas lágrimas; teu marido desonrou tua filha, foi seu amante durante quatro meses...” Calo-me piedosamente; e acodem todos: que não chorei a morte daquele segundo pai e bom amigo!



— É isto a minha vida. Dou-lhe a liberdade de restituir a sua palavra à minha família.

Rute falara baixo, precipitando as palavras, toda curvada para Eduardo, que lhe sentia o aroma dos cabelos e o calor da febre.

Em um último esforço, a moça fez-lhe sinal que saísse e ele obedeceu, curvando-se diante dela, sem lhe tocar na mão.



O outro está morto há oito anos... ninguém sabe, só ela e eu... Está morto, mas vejo-o diante de mim; sinto-o no meu peito, sobre os meus ombros, debaixo de meus pés, nele tropeço, com ele me abraço em uma luta que não venço nunca! Ninguém sabe... mas por ser ignorada será menor a culpa? Dizem todos que Rute é puríssima! Assim o creem. Deverei contentar-me

2. Catafalco, onde se coloca um caixão ou a representação de um morto. [N. O.]

com essa credulidade? Bastará mais tarde, para a minha ventura, saber que toda a gente me imagina feliz? O meu amigo Daniel é felicíssimo exatamente por ignorar o que os outros sabem. Se a mulher dele tivesse tido a coragem de Rute, amá-la-ia ele da
5 mesma maneira? Se a minha noiva não me tivesse dito nada, não seria o morto quem se levantasse da sepultura e me viesse relatar barbaramente as suas horas de volúpia, que me fazem tremer de horror! E eu, ignorante, seria venturoso, amaria a minha esposa, à sombra do maior respeito e com a mais doce proteção... E
10 assim?! Poderei sempre contar o meu ciúme e não aludir jamais ao outro?

Ele morreu há oito anos... ela tinha só quinze... ninguém sabe! só ela e eu!... e ela ama-me, ama-me, ama-me! Se me não amasse e fosse em todo caso minha noiva di-me-ia do mesmo
15 modo tudo? Não... parece-me que não... não sei... se me não amasse... nada me diria! Daí, quem sabe? *Amo-o muito para o enganar...* parece-me que lhe ouvi isto! Se eu pudesse esquecê-la! Não devo adorá-la assim! É uma mulher desonrada. A pudica açucena de envergonhar sensitivas é uma mulher desonrada...
20 E eu amo-a! Que hei de fazer agora? Abandoná-la... não seria digno nem generoso... Aquela confissão custou-lhe uma agonia! Se ela não fosse honesta não afrontaria assim a minha cólera, nem se confessaria àquele que amasse só para não sentir a humilhação de o enganar. E o que é por aí a vida conjugal senão a mentira, a
25 mentira e, mais ainda, a mentira?

O outro está morto... ninguém sabe, só ela e eu! Ela e eu! e que nos importam os outros, tendo toda a mágoa em nós dois só?! Antes todos os outros soubessem... Não! Que será preferível ser desgraçado guardando uma aparência digna, ou...? Não! em
30 certos casos há ainda alguma felicidade em ser desgraçado... Ela ama-me... eu amo-a... ele morreu há oito anos... já nem lhe falam sequer no nome... Ninguém sabe! ninguém sabe... só ela e eu!

Eduardo Jordão passava agora os dias em uma agitação medonha. Atraía e repelia a imagem de Rute, até que um dia, vencido,
35 escreveu-lhe longamente, amorosamente, disfarçando, sob um

manto estrelado de palavras de amor, a irremediável amargura da sua vida. “Que esquecesse o passado... ele amava-a... o tempo apagaria essa ideia, e eles seriam felizes, completamente felizes.”

O casamento de Rute alvoroçava a casa. A baronesa ocupava toda a gente, sempre abundante em palavras e detalhes. Só Rute, ainda mais arredia e séria, se encerrava no seu quarto, sem intervir em coisa alguma. 5

Relia devagar a carta do noivo, em que o perdão que ela não solicitara vinha envolvido em promessas de esquecimento. Esquecimento! como se fosse coisa que se pudesse prometer! 10

A moça, de bruços na cama, com o queixo fincado nas mãos, os olhos parados e brilhantes, bem compreendia isso.

Entraria no lar como uma ovelha batida. O perdão que o noivo lhe mandava revoltava-a. Pedira-lhe ela que lhe narrasse a sua vida dele, as suas faltas, os seus amores extintos? Não teria ele entendido a enormidade do seu sacrifício? Seria cego? seria surdo?... dono de um coração impenetrável e de uma consciência muda? As suas mãos estariam só tão afeitas a carícias que não procurassem estrangulá-la no terrível instante em que ela lhe dissera — eu não sou pura? Ou então por que não a ouvira de joelhos, compenetrado daquele amor, tão grande que assim se desvendava todo?! Ele prometia esquecer! mas no futuro, quando se enlaçassem, não evocariam ambos a lembrança do outro? Talvez que, então, Eduardo a repelisse, a deixasse isolada em seu leito de núpcias, e fugindo para a noite livre fosse chorar lá fora o sonho da sua mocidade... 15 20 25

Sim, a sua noite de núpcias seria uma noite de inferno! Se ele fosse generoso ela adivinharia através da doçura do seu beijo os ressaibos da lembrança do primeiro amante; e quanto maior fosse a paixão, maior seria a raiva e o ciúme. 30

Esquecimento!... sim... talvez, lá para a velhice, quando ambos, frios e calmos, fossem apenas amigos.

Rute pensou em matar-se. Viver na obsessão de uma ideia

humilhante era demais para a sua altivez. Desejou então uma morte suave, que a levasse ao túmulo com a mesma aparência de cecém cândida, de envergonhar a própria sensitiva.

Queria um veneno que a fizesse adormecer sonhando; e
5 quanto dera para que nesse sonho fosse um beijo de Eduardo que lhe pousasse nos lábios!



De luto a casa. Ramos e coroas virginais entravam a todo o instante. Quem saberia explicar a morte de Rute? Foram achá-la
10 estendida na cama, já toda fria.

Agora estava entre as duas janelas, na grande sala sombria, espalhando sobre o fumo da essa as suas rendas brancas e o seu fino véu de noiva. Parecia sonhar com o desejado esposo, que ali estava a seu lado, pálido e mudo.

15 Entravam já para o enterro e foi só então que uma voz disse alto, saindo da penumbra daquela sala antiga:

— Vai ficar com o padraço, no mesmo jazigo...

Eduardo fixou a porta com doloroso espanto. Estava linda! Na pele alvíssima nem uma sombra. Os cabelos negros, mal
20 atados na nuca, desprendiam-se em uma madeixa abundante, de largas ondas.

— Que! seria ainda para o outro aquele corpo angélico, tão castamente emoldurado nas roupas do noivado? Seria então para o outro aquela mocidade, aquela criatura divina, que deveria ser sua?!

25 E a mesma voz repetiu:

— Vai ficar com o padraço...

Com o padraço, noites e dias... fechados... unidos... sós! Fora para isso que ela se matara, para ir ter com o outro! aquele outro de quem via o esqueleto torcendo-se na cova, de braços
30 estendidos para a conquista da sua amante.

Alucinado, ciumento, Eduardo arrancou então num delírio o véu e as flores de Rute, e inclinando um tocheiro pegou fogo ao pano da essa.

E a todos que acudiram nesse instante pareceu que viam sorrir a morta em um êxtase, como se fosse aquilo que ela desejasse...

COLEÇÃO HEDRA

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfozes*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A Vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípidés
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. 1)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisistrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parenga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

«NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil,
em 21 de setembro de 2021, em papel pólen soft, em tipologia MinionPro
e Formular, com diversos softwares livres, entre eles \LaTeX & git.
(v. 2a892a8)



